

NA TENSÃO DE VOZES, A (RE)VELAÇÃO DE IMAGENS: O *ETHOS* DE ESTUDANTES DE LETRAS EM RELATÓRIOS DE ESTÁGIO

VOICES TENSION, THE (RE)VELATION OF IMAGES: LETRAS STUDENTS' ETHOS IN STAGE REPORT

Maria Leidiana Alves¹

Gilton Sampaio de Souza²

Resumo: *Este trabalho tem como foco a análise de discursos que circulam no espaço acadêmico, mais especificamente, em relatórios de estágio. Buscamos investigar como estudantes em formação na área de Letras constroem a imagem de si (ethos) nos discursos por eles produzidos em relatórios de estágio, considerando, como relativo à construção das possíveis imagens, os elementos do processo argumentativo dos seus discursos, as técnicas argumentativas, os lugares da argumentação de onde partem esses discursos e o auditório pressuposto pelos autores/oradores. Para este diálogo, trazemos as contribuições dos pressupostos teóricos de Mikhail Bakhtin (2003, 2009), considerando, especialmente, sua concepção histórico-discursiva de sujeito situada dentro de uma perspectiva dialógica da linguagem, e os pressupostos da Nova Retórica, por meio dos estudos de Perelman e Tyteca (2005). Foram analisados 05 (cinco) relatórios de estágio supervisionado II, de uma instituição de Ensino Superior. Os dados revelam que os autores/oradores dos 05 (cinco) relatórios de estágio analisados constroem uma argumentação que lhes afirma o caráter ético e profissional. Nesse processo dialógico, os autores/oradores constroem a imagem de si, como profissionais competentes, superiores/inovadores e atualizados em relação aos novos pressupostos do ensino de língua materna, utilizando-se, para isso, de processos argumentativos que envolvem acordos prévios, lugares da argumentação e diferentes tipos de argumentos.*

Palavras-chave: Argumentação; Ethos; Estudantes de Letras.

Abstract: *This paper focuses on the analysis of discourses that circle around academic spaces, specifically at Letras written training report. We aim to investigate how students in the end of Letras course construct and show their own image through the discourses produced by them when they write their training report. We consider the argumentative techniques as elements they use as clues of that imagesvirg the discourse placement from where the discourse startsvirg and the auditorium predicted by the speaker/writer in five training reports in a public Institution. To do this discussion we apply theoretical presupposition by Mikhail Bakhtin (2003, 2009), about interactionism specially regarding the history-discursive subject constitution placed inside a dialogical language perspective and also considering the assumptions of the New Rhetoric through the studies by Perelman and Tyteca (2005). The analyzed data reveal that the authors/writers from the five training reports construct the argues that give them an auto image marked by professionalism and ethics. In this dialogical process, authors/speakers construct the image of themselves as competent professionals, superior/innovative and updated in relation to the new assumptions of mother tongue teaching, using, for that, the argumentative processes involving prior agreements, argumentation places and different types of arguments.*

Key-words: Argumentation; Ethos; Letras students.

¹ Docente da Secretaria de Estado da Educação e da Cultura – Rio Grande do Norte (SEEC/RN). Mestre em Letras pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Membro do Grupo de Pesquisa em Produção e Ensino do Texto (GPET). Pau dos Ferros, Brasil, e-mail: leidiana_alves2007@yahoo.com.br

² Docente do Departamento de Letras Estrangeiras (DLE) do *Campus* Avançado “Profa. Maria Elisa de Albuquerque Maia” (CAMEAM), da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), em Pau dos Ferros. Doutor em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), *Campus* de Araraquara-SP. Líder do Grupo de Pesquisa em Produção e Ensino do Texto (GPET). Pau dos Ferros, Brasil, e-mail: giltionsampaio_uern@ig.com.br

Um acordo prévio

O foco desta discussão concentra-se na análise de discursos que circulam no espaço acadêmico, mais especificamente, em relatórios de estágio de estudantes de curso de Letras. Estudamos, pois, a argumentação no relatório de estágio, uma vez que, na perspectiva da Nova Retórica, todo discurso se dirige a um auditório, independentemente de ser falado ou escrito, de modo que o sujeito, ao tomar a palavra do outro, tem sempre seu discurso condicionado, consciente ou inconscientemente, por aqueles a quem pretende se dirigir, no intuito de ganhar sua adesão. Assim, observaremos que, no relatório da disciplina de estágio, é também possível se observarem os processos argumentativos do discurso.

Para tanto, buscaremos analisar como estudantes em formação na área de Letras constroem a imagem de si (*ethos*) nos discursos por eles produzidos em relatórios de estágio. Para tanto, levamos em consideração alguns aspectos relativos à construção dessas possíveis imagens reveladas em seus discursos e que são constitutivas dos processos argumentativos, como as técnicas argumentativas, os lugares da argumentação e o auditório pressuposto pelos autores/oradores dos relatórios de estágio em análise.

A constituição do *corpus* da pesquisa obedeceu aos seguintes critérios, referentes à voz de autores/oradores de 05 (cinco) relatórios de estágio de uma Instituição de Ensino Superior IES, pública: (i) os discursos analisados foram recortados de relatórios de estágio supervisionado II, (ii) elaborados por alunos do curso de Letras da habilitação de Língua Portuguesa, (iii) de uma IES pública; (iv) preferencialmente, os que focalizavam em sua temática aspectos relacionados ao ensino e/ou à aprendizagem de Língua Portuguesa.

Convém esclarecer que esses relatórios de estágio supervisionado II, aos quais nos referimos, são correspondentes às atividades realizadas no Estágio Supervisionado II, no nível de Ensino Médio, no caso da IES em análise, referente à disciplina Orientação de Estágio Supervisionado II.

Nesta interação, trazemos ainda as contribuições dos pressupostos teóricos de Mikhail Bakhtin (2003, 2009), considerando, especialmente, sua concepção histórico-discursiva de sujeito situada dentro de uma perspectiva dialógica da linguagem, e os pressupostos da argumentação na Nova Retórica, por meio dos estudos de Perelman e Tyteca (2005).

Acreditamos, conforme Souza (2008), que o estudo sobre a argumentação no discurso, em consonância com os pressupostos da concepção bakhtiniana dos gêneros discursivos, aplicado ao discurso acadêmico-científico, poderá contribuir para revelar os mecanismos

argumentativos presentes no discurso acadêmico-científico, colocando em foco também a necessidade de discussão sobre o papel da argumentação no processo de produção e de interpretação de texto acadêmico-científico nos espaços de formação de Nível Superior.

Um diálogo interacionista e argumentativo sobre a linguagem

Nos moldes concebidos por Bakhtin, numa dimensão social, o dialogismo é constitutivo do discurso, ou seja, a palavra sempre se dirige a um interlocutor. Também essencial no processo argumentativo, esse dialogismo é compreendido tanto na relação com o já dito, como na relação com o auditório – aquele com quem o sujeito interage diretamente no processo interlocutivo e indiretamente por meio do dialogismo, constitutivo da língua. Como define Bakhtin (2009, p.117) A palavra “é determinada tanto pelo fato de que procede *de* alguém, como pelo fato de que se dirige *para* alguém. [...] Toda palavra serve de expressão a *um* em relação ao *outro*. Através da palavra, defino-me em relação ao outro”. O discurso é dialógico, uma vez que a palavra suscita uma atitude responsiva ativa do sujeito a quem ela se dirige. Ele se constrói num espaço de interação com o outro de acordo com os interesses do locutor e das imagens que o locutor faz do interlocutor ou supõe que este faz dele.

Na perspectiva de Bakhtin (2009), o estudo do discurso é feito não enquanto fala individual, mas enquanto instância significativa entrelaçada de discursos veiculados socialmente através das interações entre sujeitos. Nessa direção, o autor considera as formas de representação e transmissão do discurso de outrem como constitutivas de quaisquer discursos, quer seja numa situação mais imediata ou não, com os participantes do ato de fala, explícitos ou implícitos.

Os pressupostos teóricos aqui apresentados vêm reafirmar a contribuição da perspectiva bakhtiniana. Uma vez que esta concebe a linguagem como interação verbal, amplia a noção de comunicação, compreendida como processo interativo, no qual os sujeitos se constituem como seres de resposta, e que vai além de um mero processo de transmissão de informações, por meio do diálogo face a face. Corroborando com essa compreensão de linguagem, temos a noção de gêneros do discurso como sendo os diversos enunciados concretos dos quais nos utilizamos para realizar determinada ação na sociedade.

Esse agir socialmente se efetiva por meio dos diversos “enunciados relativamente estáveis”, definição dos gêneros do discurso proposta por Bakhtin (2003, p.262). Influenciados por esse autor, compreendemos que, apesar de envolver regularidades,

tipificações e algumas restrições, os gêneros também são passíveis de maleabilidade nas suas realizações, dependendo de seu contexto enunciativo, por isso a necessidade de considerá-lo na análise do gênero.

Do ponto de vista argumentativo, mais especificamente na Nova Retórica, temos uma abordagem discursiva da argumentação que pressupõe a interação como princípio da linguagem, concretizada entre os interlocutores no processo comunicativo. É, portanto, uma concepção de argumentação como prática social, de acordo com a qual “todo discurso se dirige a um auditório, sendo muito frequente esquecer que se dá o mesmo com todo escrito”, conforme defendem Perelman e Tyteca (2005, p.7). Desse modo, a argumentação é concebida não somente no discurso falado, em situações presenciais. O orador existe também nos textos escritos, que são sempre condicionados deliberadamente ou não, por aqueles a quem pretende dirigir-se.

Orador e auditório são, portanto, construções do discurso. Sendo assim, no processo argumentativo, consideramos o papel essencial do auditório, entendido como o conjunto daqueles a quem a argumentação se dirige. Daí a necessidade do contato de espíritos a que Perelman e Tyteca se referem, entre o orador, aquele que apresenta a argumentação, e o auditório, de quem o orador visa obter a adesão, seja numa situação oral ou escrita. Isto porque o conhecimento do auditório contribui significativamente para o sucesso do empreendimento argumentativo. Temos, portanto, nessas três palavras, que serão sempre retomadas no nosso trabalho: ‘discurso’, ‘orador’ e ‘auditório’ a compreensão do que seja o processo argumentativo.

Considerando que na perspectiva bakhtiniana o discurso sempre implica o outro, pressupomos que, ao utilizar a linguagem, já temos em mente o auditório ao qual direcionamos o nosso discurso. Desse modo, qualquer discurso, ao ser enunciado (falado/escrito), traz em si influências recebidas de seus possíveis leitores/interlocutores, uma vez que, nessa perspectiva, o nosso discurso é sempre uma resposta ao discurso de outrem.

Segundo Perelman e Tyteca (2005), no processo argumentativo do discurso, esses possíveis interlocutores representam o auditório, que se divide em *universal* e *particular*. O auditório universal compreende uma população específica como uma nação, até mesmo a humanidade inteira. Já o auditório particular compreende situações mais particulares e restritas como, por exemplo, nas deliberações íntimas, quando dialogamos com nós mesmos ou com alunos no contexto da sala de aula.

Conforme já expressamos, o ato de argumentar pressupõe a existência da interação, o

contato entre o orador e o auditório, o que também pressupõe certas habilidades do orador. Segundo Reboul (2000), para ser bom orador é necessário saber a quem estamos falando (escrevendo). Assim, é preciso que se inicie um acordo prévio com o(s) interlocutor(es) com base nos valores que o orador acredita que o seu auditório possui, ou com base nos conhecimentos que, supostamente, seu auditório tem ou precisa ter, para conseguir a adesão necessária à defesa da tese (*logos*) a ser apresentada. Com o estabelecimento do acordo prévio, que promove a interação entre orador e auditório, a eficácia da argumentação depende da adequação do orador ao auditório, que é inerente ao *ethos*, à imagem de si que o orador constrói no discurso, à qual nos deteremos mais adiante.

Retomando a discussão realizada em Souza, Pereira & Alves (2009) sobre os lugares da argumentação, destacamos que Perelman e Tyteca (2005) recuperam a discussão sobre os lugares da argumentação, com base nos estudos aristotélicos. A classificação desses lugares, proposta pelos referidos autores, se justifica pela importância que eles exercem na prática argumentativa. Esses lugares, de onde os oradores tiram seus argumentos na constituição de seus discursos, contribuem, portanto, para o entendimento e domínio geral da argumentação. Além disso, diferentemente dos lugares aristotélicos, que eram muito particularizados, específicos, Perelman e Tyteca (2005) se propõem a estudar as premissas de ordem geral que intervêm para justificar a maior parte de nossas escolhas, que se prestam a todos os auditórios.

Assim, de acordo com Perelman e Tyteca (2005), quando um acordo é constatado, é possível presumir que ele é fundado sobre os lugares mais gerais aceitos pelo auditório. Para o entendimento geral da argumentação, esses autores não julgam necessário fornecer uma lista exaustiva dos lugares da argumentação. Todavia, o que lhes interessa é o aspecto pelo qual o auditório é levado a considerar determinado lugar em seu discurso. Tais lugares são agrupados pelos autores em alguns itens bastante gerais: “os lugares da quantidade, de qualidade, da ordem, do existente, da essência, da pessoa”. (PERELMAN e TYTECA, 2005, p. 96).

Inserido em uma situação comunicativa, o sujeito/falante ou o sujeito/escritor está sempre argumentando, defendendo ideias. Para tanto, consciente ou inconsciente, esse sujeito se utiliza de estratégias, técnicas discursivas, de acordo com seus objetivos, para conseguir a adesão de seus possíveis interlocutores às teses a serem apresentadas. Para Perelman e Tyteca (2005, p.22) “cada orador pensa, de uma forma mais ou menos consciente, naqueles que procura persuadir e que constituem o auditório ao qual se dirigem seus discursos.”.

Nos estudos da Nova Retórica, as estratégias são conhecidas como técnicas argumentativas, que são recursos argumentativos utilizados pelo orador na construção de um discurso, visando a convencer o interlocutor de sua tese defendida. Sendo assim, em uma análise argumentativa de discurso, sempre deverá levar-se em consideração a existência de uma técnica argumentativa predominante, funcionando como a tese central do discurso. Em seu *Tratado da Argumentação*, Perelman e Tyteca (2005) apresentam quatro grandes técnicas argumentativas, sendo as três primeiras através de associações de noções e, a última, por dissociações. Como não pretendemos fazer uma lista exaustiva desses argumentos, apresentaremos os argumentos que são mais recorrentes no *corpus* deste trabalho.

(i) *Os argumentos quase lógicos* – pretendem certa convicção, na medida em que se apresentam como comparáveis a raciocínios formais, lógicos ou matemáticos. Sejam eles: a) de contradição; b) por identidade, definição; c) a regra de justiça, e reciprocidade; d) argumentos de divisão; e) argumentos de comparação;

(ii) *Argumentos baseados na estrutura do real* – são classificados conforme as estruturas do real às quais se aplicam e que podem ser encontradas no uso comum, interessando não a descrição objetiva do real, mas a maneira pela qual se apresentam as opiniões sobre ele, que podem ser tratadas quer como fatos, quer como verdades, quer como presunções. Dividem-se em: a) *as ligações de sucessão* – nessas ligações o vínculo causal desempenha um papel essencial, ou seja, tendem a apresentar um fato por meio do seu vínculo causal: o argumento pragmático; o argumento da direção; o argumento da superação; b) *as ligações de coexistência* – unem duas realidades de nível desigual em que uma é mais explicativa e fundamental do que a outra, como ocorre com as ligações ato pessoa em que a construção da pessoa humana se vincula a seus atos. Com efeito, atestam Perelman e Tyteca, concede-se um estatuto mais importante à pessoa relacionando um fenômeno com a estrutura da pessoa. O argumento de autoridade – focaliza no prestígio do orador; a ligação simbólica – acontece quando certas pessoas e certos acontecimentos são tratados como ‘figura’ de outras pessoas e de outros acontecimentos.

(iii) *Argumentos que fundam a estrutura do real*. Neste grupo de argumentos temos, inicialmente, as ligações que fundamentam o real através: a) *do fundamento pelo caso particular*, que desempenha papéis variados: o exemplo – permite uma generalização quando chamado para fundamentar determinado desacordo acerca de uma regra particular; a ilustração – reforça a adesão a uma regra conhecida e aceita, fornecendo casos particulares que esclareçam o enunciado geral e aumente-lhe a presença na consciência; e o

modelo/antimodelo – incentiva a imitação ou a recusa, pois o que pode ser dito do modelo pode ser aplicado ao antimodelo; e b) *o raciocínio pela analogia* – diferentemente da identidade parcial, a analogia é entendida como a semelhança de relação e seu valor argumentativo é posto em evidência se a encararmos como uma similitude de estruturas. Sua regra genérica seria: A está para B assim como C está para D.

(iv) *Os argumentos por dissociação das noções*: consistem em afirmar que são indevidamente associados elementos que deveriam ficar separados, independentes. Para melhor compreensão destes e de seus resultados, é importante considerar o protótipo de toda dissociação nocional que dá origem ao par ‘aparência-realidade’ por conta de seu uso generalizado e de sua primordial importância filosófica. Alguns desses são: ato/pessoa, teoria/prática, meio/fim, individual/universal etc.

As técnicas argumentativas são, portanto, estratégias, recursos aos quais o orador recorre para convencer seu auditório da validade de suas teses, da opinião defendida. No entanto, é importante ressaltar que o processo argumentativo está situado num contexto social e histórico abrangente, operado pela ideologia, uma vez que a intencionalidade de um discurso nem sempre está condicionada à vontade própria desse orador, pois, segundo Perelman e Tyteca (2005), a ação desse orador só é mais ou menos consciente, uma vez que não há uma total liberdade, devido ao caráter dialético e dialógico da linguagem.

As questões da dialética e do papel do diálogo no discurso argumentativo tem despertado o interesse dos estudiosos da linguagem desde a antiguidade. E a Nova Retórica trata dessas questões pontualmente:

O alcance filosófico da argumentação apresentada a um único ouvinte e sua superioridade sobre a dirigida a um vasto auditório foi admitida por todos os que, na Antiguidade, proclamavam a primazia da dialética sobre a retórica. Esta se limitava à técnica do longo discurso contínuo. Mas um discurso assim, com toda a ação oratória que comporta, seria ridículo e ineficaz perante um único ouvinte. É normal levar em conta suas reações, suas denegações e suas hesitações e, quando constatadas não há como esquivar-se: cumpre provar o ponto contestado, informar-se das razões da resistência do interlocutor, penetrar-se de suas objeções: *o discurso degenera invariavelmente em diálogo*. (Grifo nosso). (PERELMAN E TYTECA, 2005, p.39-40).

Assim, pensar a argumentação é pensar em discurso como diálogo; é pensar que todo discurso se dirige a um auditório, particular ou universal. E que, por isso mesmo, uma análise

das técnicas argumentativas presentes em um discurso pressupõe ver este discurso também como diálogo entre interlocutores. Acrescente a isto o fato de que, conforme advertem Perelman e Tyteca (2005), em geral, estamos autorizados a interpretar um raciocínio segundo um ou outro esquema, tal como apresentamos anteriormente, pois alguns argumentos podem pertencer tanto a um quanto a outro grupo de esquemas argumentativos; assim sendo, nada nos impede de considerar um mesmo enunciado como suscetível de traduzir vários esquemas.

Na Nova Retórica, a argumentação é também entendida como uma ação cujo propósito é modificar um estado preexistente de coisas, ou seja, uma vez apresentada a um auditório particular, a argumentação procura persuadir este, induzindo-o a determinada ação. A efetivação da argumentação depende, portanto, da interação entre o orador e o auditório, e se dá por meio do uso de vários recursos argumentativos, como as técnicas, por exemplo. Para que haja essa interação entre orador e auditório, para que a argumentação de fato se efetive, é necessário também que o orador ganhe a confiança do público a quem se dirige, para que seja ouvido. Daí sua preocupação em adequar-se ao seu auditório, construir uma imagem de si confiável, exemplar aos olhos de quem deseja conquistar.

O ato de argumentar, conforme Souza e Costa (2008), deve ser visto, portanto, como um processo, através do qual o orador preocupa-se em convencer seu auditório da validade de suas teses (*logos*), mediante a imagem que esse orador tem de seus interlocutores/auditório (*pathos*) para o qual dirige seu discurso. Para tanto, é necessário que o orador construa a imagem de si (*ethos*), visando à credibilidade e confiabilidade de seu discurso, uma vez que “o *ethos* é o caráter que o orador deve assumir para inspirar confiança no auditório, pois, sejam quais forem seus argumentos lógicos, eles nada obtêm sem confiança.” (REBOUL, 2000, p. 48). Nessas condições, o orador procura criar uma imagem agradável, de caráter exemplar de sua pessoa “aos olhos” do auditório, mesmo que deveras não o tenha. No entanto, a força argumentativa do *ethos* não está apenas em mostrar uma imagem agradável, uma moral elevada, mas em se adequar ao caráter e ao tipo social do seu auditório.

Nessa perspectiva, o orador deve estar sempre preocupado com seu auditório, em chamar a atenção daqueles a quem se destina para que a argumentação, de fato, se desenvolva. Por isso, segundo Perelman e Tyteca (2005), esse contato entre orador e auditório não concerne somente às condições prévias do processo argumentativo, mas é primordial para todo o desenvolvimento dele. Uma vez que a argumentação visa obter a adesão daqueles a quem se destina, ela é, inteiramente, deles dependente. Por isso, os autores aconselham que o orador zele por sua imagem no sentido de ganhar a confiança e não despertar no público um

sentimento de inferioridade e hostilidade para com a sua pessoa: “normalmente, é preciso alguma qualidade para tomar a palavra e ser ouvido [...] Às vezes bastará apresentar-se como ser humano, decentemente vestido, às vezes cumprirá ser adulto, às vezes, porta-voz desse grupo [...]”. (PERELMAN E TYTECA, 2005, p. 21).

Como podemos ver, sem essa “certa qualidade”, que varia, conforme as situações e o público ao qual se dirige, o orador não seria ouvido. Por isso, sua preocupação em apresentar-se bem, e até aparentemente decente, aos olhos do seu auditório. Apesar dos autores destacarem a influência dessa imagem numa argumentação em que o orador se dirige verbalmente a determinado auditório, em qualquer situação, seja ela escrita ou verbal, faz-se necessária a adequação do orador a seu auditório, faz-se necessário criar uma imagem de si perante quem o lê ou o escuta. Meyer (2007) também nos alerta que o *ethos* não se limita àquele que fala pessoalmente, muito menos a um autor de texto, cuja presença pouco importa, mas apresenta-se, de maneira geral, como aquele com quem o auditório se identifica.

Assim, na perspectiva retórico-argumentativa, a noção de *ethos* é compreendida como a imagem que o orador constrói de si e que é marcada discursivamente. Conforme Souza (2003), essa noção é muito significativa para os estudos retóricos atuais, pois, mesmo reconhecendo a interpelação ideológica do sujeito falante, a noção de *ethos* dá corporeidade ao orador/enunciador, permitindo também que o auditório construa uma representação desse sujeito discursivo. Independente da abordagem, o estudo do *ethos* nas teorias da argumentação vem acentuar a importância da imagem do locutor no discurso e não restringimos ao argumentativo, mas todo discurso que numa perspectiva dialógica pressupõe o envolvimento entre os parceiros.

Essa noção está ancorada nas condições prévias e essenciais da argumentação na Nova Retórica, que é a adaptação do orador ao auditório, e também não descarta a noção dialógica bakhtiniana, que concebe a construção da imagem do homem num processo interativo, no qual eu me vejo e me reconheço através do outro, na imagem que o outro faz de mim, e, ainda, na imagem que também fazemos do outro. Daí a necessidade de entrar em contato com ele, adaptar-se a ele.

Partimos, pois, das considerações feitas sobre a argumentação no discurso e do pressuposto de que a argumentação é inerente à linguagem para o estudo de suas categorias e do processo argumentativo desenvolvido no discurso acadêmico, objeto de nossa análise.

Vozes que refletem imagens: o *ethos* de estudantes de letras no processo argumentativo de seus discursos

Uma vez que o processo argumentativo pressupõe a interação verbal entre orador e auditório, para estudar o *ethos* construído pelos oradores nos relatórios de estágio faz-se necessário considerar as implicâncias do *pathos* e do *logos* para sua constituição. Isto porque *ethos*, *pathos* e *logos*, retomando as palavras de Meyer (2007), são os três pilares de sustentação, o “edifício retórico” da argumentação. Nesse sentido, o *ethos*, imagem do orador, é construído em função do auditório, de suas paixões, valores, *pathos*, visando à adesão às teses, *logos*, que lhes são apresentadas.

Assim, percebemos que o *ethos* dos autores/oradores dos relatórios vai sendo revelado, através de argumentos por eles utilizados para dar sustentação às teses propostas, seja quando discutem sobre as atividades realizadas e experiências adquiridas na fase de diagnóstico, seja quando refletem sobre a atuação do professor em sala de aula, especialmente analisando seus procedimentos metodológicos, ou ainda, quando refletem sobre sua própria prática docente com base nas experiências vivenciadas e procurando fazer uma articulação teórico-prática.

Em um primeiro momento, podemos apontar que a construção do processo argumentativo, desenvolvido por esses autores/oradores, efetiva-se de uma maneira complexa, por meio do uso de diversos argumentos, o que pode ser visto como forma de intensificar o efeito da argumentação que pode ser bem mais explicado, considerando-se a sobreposição de argumentos e a interação entre eles. Nesse processo, a interação entre orador e auditório também se destaca, uma vez que a argumentação visa à adesão a seu discurso e, para tanto, precisa conhecer seu auditório, seus valores, suas paixões, daí a utilização de premissas de ordem geral, conforme define Perelman (2005), os lugares da argumentação, de onde partem os argumentos com o intuito de reforçar a adesão do auditório a determinados valores. No diálogo estabelecido por esses autores/oradores está pressuposto um auditório bastante heterogêneo, envolvendo tanto um interlocutor mais imediato, mais particular, o professor da disciplina, quanto um grupo de pessoas mais abrangente, menos controlável, considerado auditório universal.

Na medida em que realizam este dinâmico processo de articulação desses aspectos na construção de sentido, os autores/oradores vão se deixando dizer nos discursos e constituindo uma imagem de si, sempre exemplar aos olhos de seu auditório, como podemos observar nos efeitos de sentido de seus discursos.

Assim, destacamos um primeiro aspecto relevante da constituição do *ethos* em UE-01³. Diferentemente dos demais relatórios de sua instituição, o autor/orador do referido relatório faz uma dedicatória do seu trabalho e, em seguida, apresenta também uma epígrafe que reproduzimos abaixo:

Exemplo 1:

A todos que procuram plantar a semente do conhecimento, no solo fortuito da aprendizagem, para colher o mais significativo dos frutos: a educação. Dedico. (UE-01, s.p. Dedicatória).

Lutar com palavras
é luta mais vã.
Entanto lutamos
Mal rompe a manhã.

[...]

Palavra, palavra
(digo exasperado).
se me desafia,
aceito o combate.

Carlos Drummond de Andrade (UE-01, s.p. Epígrafe).

No processo argumentativo, é essencial que o orador estabeleça um acordo prévio com seu auditório a fim de ganhar a adesão das teses que serão apresentadas. Neste caso, percebemos que o autor/orador de UE-01 estabelece esse diálogo com um auditório que não se restringe apenas aos interlocutores mais imediatos a quem se destina o trabalho como, por exemplo, o professor da disciplina e os colegas de sala. Neste caso, o diálogo é estabelecido com todos aqueles que se interessam por contribuir com a educação, no caso, um auditório mais universal, representado por um grupo de pessoas não muito definido.

O uso das citações na dedicatória e na epígrafe, pelo autor/orador de EU-01, é mais um importante recurso argumentativo. Esse recurso funciona como figuras de comunhão através das quais o orador se esforça para solicitar a atenção do auditório, fazer com que ele participe ativamente de sua exposição (cf. PERELMAN e TYTECA, 2005). Com isso, o autor/orador já enuncia uma imagem de si não apenas enquanto aluno estagiário e redator de um trabalho de registro de sua experiência, mas também a imagem de alguém que demonstra

³ Considerando que em nossa dissertação trabalhamos com um *corpus* constituído por relatórios de três instituições diferentes, elaboramos códigos para preservar a identidade dos estudantes produtores dos 15 (quinze) relatórios. Assim, as duas primeiras iniciais referem-se à instituição; seguidas da ordem numérica que obedece a quantidade de relatórios de cada instituição. Quando fazemos referência a estes relatórios, utilizamos o código, seguido do número da página, do relatório, em casos de ausência de paginação, colocamos o nome da seção à qual o exemplo se refere.

interesse pela educação e se apresenta também com o *ethos* de um profissional que se interessa por atuar na sua área, futuro profissional da área, portanto. Assim, quando o autor se dirige a todos que se interessam por contribuir com o conhecimento, com a aprendizagem no sentido de colher como fruto a educação, ele próprio se coloca como sendo um desses.

Essa imagem criada pelo autor/orador logo no início do relatório vai se confirmando ao longo deste por meio de teses por ele defendidas. Como podemos observar na seguinte passagem:

Exemplo 2:

Somos partidários da ideia de que a escola, juntamente com a família e a sociedade, desempenha um papel fundamental na formação educacional de um indivíduo. O ambiente escolar, por assim dizer, configura-se como uma forma de proporcionar os mais diversos modos de aquisição do conhecimento e o professor um dos principais responsáveis nesse processo. Nesse ideário, é perfeitamente indispensável que o ensino de Língua Portuguesa como língua materna procure favorecer o uso da língua/linguagem em suas múltiplas instâncias sociais, respondendo a diferentes propósitos comunicativos e expressivos e considerando as diferentes condições de produção dos discursos que arrolam a vida em sociedade. (UE-01, s.p. Considerações iniciais).

Neste trecho da introdução do relatório, o autor/orador defende a tese de que o professor é um dos principais responsáveis no processo de ensino e defende, ainda, uma tese sobre o ensino de Língua Portuguesa; a de que ele deve favorecer o uso da língua/linguagem em suas múltiplas instâncias sociais, respondendo a diferentes propósitos comunicativos e considerando as diferentes esferas de atividade humana em que esses discursos são produzidos. Ao defender essa tese, o autor/orador reafirma a imagem criada anteriormente, enquanto futuro profissional da área que conhece a realidade e propõe intervenções para a melhoria da mesma. Dessa forma, reconhece-se como autoridade no assunto, ao sugerir que o ensino de Língua Portuguesa deve favorecer o uso da língua/linguagem em suas múltiplas instâncias sociais, o que também corrobora para a construção da imagem de quem está atualizado em relação à concepção de linguagem que deve nortear o ensino de Língua Portuguesa.

Em outro momento, quando da justificativa do relatório, o autor/orador de UE-01 apresenta-se reflexivo. Ele explicita o objetivo do trabalho e sua justificativa deixando claro que, mais que descrever uma experiência, pretende refletir, à luz de pressupostos teóricos, sobre a experiência vivenciada no estágio, no intuito de contribuir com o ensino de língua

materna, utilizando-se, assim, do argumento pragmático da estrutura do real, bem como do argumento da superação, uma vez que se propõe a ir mais além.

Exemplo 3:

Partindo dessas pressuposições, o presente relatório visa discutir as nossas experiências adquiridas no período de estágio, na fase de diagnóstico e de regência. Procuramos não apenas descrever as observações e as práticas realizadas na sala de aula, mas também refletir sobre essas abordagens à luz de alguns pressupostos teóricos.

Dessa forma, pretendemos, através das abordagens que aqui serão feitas, trazer algumas reflexões para que o ensino de língua materna consiga proporcionar ao aluno a capacidade de adquirir novos conhecimentos e de exercer/vivenciar seu papel de cidadão, viabilizando as competências/habilidades a serem desenvolvidas na sala de aula e propiciando sua inserção no universo da cultura letrada. (UE-01, s.p. Considerações iniciais).

Temos, neste caso, a constituição da imagem de futuro profissional da área, que, por meio da reflexão realizada no relatório sobre a experiência vivenciada, demonstra interesse em contribuir para o processo de ensino-aprendizagem. No caso do autor/orador de UE-01, essa imagem já é delineada no início do relatório através do uso da epígrafe colocada logo após a dedicatória, na qual o autor se diz aceitar a luta, o combate com as palavras. Nessa perspectiva, aceitar o combate com as palavras é, em certa medida, aceitar os desafios desse universo que envolve o trabalho com a linguagem, que tem na educação o lugar propício para se efetivar.

Assim como o autor/orador de UE-01, o autor/orador de UE-03 percorre esse percurso argumentativo. Apresenta-se como uma autoridade no assunto, assumindo a responsabilidade de refletir sobre o processo de ensino-aprendizagem de língua materna, bem como de fazer as considerações que julgar necessárias sobre as constatações da fase de diagnóstico⁴, demonstrando, assim, ser um professor autônomo, reflexivo. Além disso, o autor/orador de UE-03 utiliza-se do argumento da superação, que, conforme Perelman e Tyteca (2005), vai além de apenas realizar certo objetivo, mas consegue continuar, superar, transcender. Com isso, o referido autor/orador mostra que seu relatório não terá apenas um caráter descritivo, documental, mas de reflexão sobre o fazer pedagógico, o que, conseqüentemente, condiz com a imagem de um profissional da área que, conhecedor da realidade do ensino, busca refletir

⁴ Na Instituição em análise, os relatórios apresentam-se como requisitos avaliativos, resultantes da experiência de estágio, em que o aluno estagiário registra e reflete sobre o que foi vivido durante essa experiência, desde a fase de diagnóstico, relatando as atividades e experiências adquiridas na observação e regência.

sobre ela. Além de apresentar-se como autônomo, reflexivo, mostra-se também como superior. Assim, assume a imagem de futuro profissional da área, conhecedor do sentido do estágio, atribuindo ao relatório um caráter não meramente descritivo e documental de uma prática.

Já no caso de UE-04, que apresenta uma epígrafe, na seção em que versa sobre ensino *versus* aprendizagem na fase de regência de classe, ou seja, sobre sua atuação, temos também um acordo prévio com o auditório que consiste na utilização de um argumento de autoridade para apresentar uma tese ou proposição inicial, a saber:

Exemplo 4:

[...] para se comunicar bem, textual ou oralmente, não basta respeitar a gramática: é preciso adequar sua mensagem ao universo de seu receptor. Tânia Sandroni. (UE-04, p. 12).

De acordo com a tese defendida pelo autor/orador, a eficácia da comunicação depende de sua adequação ao receptor. O próprio autor/orador mostra-se conhecedor da necessidade de se considerar o interlocutor de nosso discurso, de procurar adaptar-se a ele. É interessante ressaltar que, ao promover esse acordo inicial, o autor/orador defende a importância de fazê-lo, já que se preocupa com seu receptor e, neste aspecto, percebemos um diálogo com a própria noção de *ethos* na perspectiva da nova retórica, que está associada à necessidade de adequação do orador ao seu auditório. Dessa forma, o autor/orador se coloca como sendo autoridade no assunto – no caso, o processo de comunicação – e assume a posição daquele que considera o outro, seu interlocutor no processo comunicativo, assumindo-se ainda como um profissional superior, pelo fato de reconhecer que deve conhecer mais do que a gramática para se comunicar bem. Neste aspecto, também já dá indícios de que assume um posicionamento crítico em relação à gramática normativa.

A sustentação dessa tese apresentada inicialmente pelo autor/orador, essa preocupação com o interlocutor é garantida quando, logo em seguida, mostra o estabelecimento de um acordo prévio com os alunos, no primeiro contato na fase de regência. Neste sentido, o acordo foi estabelecido por meio de uma rápida conversa sobre os objetivos do estágio, seguida de uma dinâmica, como forma de estabelecer uma aproximação com os alunos. (UE-04, p. 13).

Cabe aqui assinalar outro aspecto constitutivo do *ethos* desse orador enquanto profissional superior/inovador, quando discorre sobre as atividades desenvolvidas na sua regência:

Exemplo 5:

Em ambas as turmas trabalhamos o conteúdo: *O Barroco no Brasil*, onde apresentamos aos alunos sua contextualização histórica, características principais desse movimento, bem como, o estudo da biografia do maior poeta barroco brasileiro “Gregório de Matos”, mostrando aos alunos a importância do mesmo na história da literatura barroca brasileira. É importante citar que não nos detemos somente ao estudo histórico do barroco, trabalhamos também uma grande diversidade de sonetos de autores da época, onde os alunos além de reconhecerem as características principais do movimento e dos autores nesses poemas, faziam também uma análise crítica dos mesmos. (UE-04, p. 16).

Mais uma vez, o autor/orador de UE-04 mostra que em sua prática busca sempre superar, ir além do que usualmente e tradicionalmente é considerado. O autor/orador demonstra sua preocupação com a imagem que seu auditório pode fazer de si, pois antes que este possa construir uma imagem a seu respeito, por exemplo, a de que sua prática de ensino de literatura se voltou para a historicidade, o que, de acordo com as perspectivas modernas de ensino de literatura, não seria condizente. O autor/orador já desfaz essa possibilidade afirmando que não restringiu sua prática somente a isso. Nesse processo argumentativo, vemos o princípio do dialogismo (BAKHTIN, 2003), da responsividade enunciativa em que o nosso discurso, nesse caso o discurso escrito, responde sempre a um outro discurso e a uma possível resposta que o nosso discurso possa suscitar. Ele é, como assinala o autor, de certo modo, parte integrante de uma discussão ideológica respondendo a algo, refutando, confirmando, ou mesmo, como neste caso, antecipando respostas e ou possíveis objeções, que dentro desta realidade, seria uma resposta aos estudiosos da área, mais especificamente, daqueles que discutem literatura e ensino.

Ao discorrer sobre sua prática em sala de aula, o autor/orador de UE-01 justifica seu trabalho com a carta por meio do argumento da definição como forma de justificar seu trabalho com ela embasado em autores da área, recorrendo também ao argumento de autoridade. Ao esclarecer como realizou seu trabalho, ancorado no argumento da pessoa e seus atos que valoriza a construção da pessoa vinculada a seus atos, corrobora para a construção de uma imagem coerente em relação à articulação teoria e prática, tanto que ancora sua prática no argumento de autoridade, no caso, em teóricos da área.

Exemplo 6:

Nosso primeiro plano de aula foi desenvolvido entre os dias 10 a 14 de junho de 2010, com intuito de trabalhar com o gênero textual *carta*. Comumente entendida como um gênero textual escrito que visa um fim específico de comunicação, a *carta* pode prestar-se a atividades de leitura e produção de

textos que exercem uma interação com uma linguagem que está bastante próxima dos alunos. Silva e Angelim (2006, p. 74), em suas abordagens sobre o trabalho com a carta na sala de aula, afirmam que esse gênero, “embora conserve algumas características estruturais comuns, tais como remetente, núcleo da carta e destinatário, pode ser subcategorizado de acordo com o suporte, grau de formalidade e funções comunicativas”. Assim, procuramos levar os alunos a compreenderem principalmente a funcionalidade da carta mediante seus diferentes tipos. (UE-01, s.p. Ensino x aprendizagem na fase de regência de classe).

Face ao exposto, no discurso do autor/orador de UE-01, é projetada a imagem de um profissional que possui autoridade no assunto, embora se utilize também do discurso de autoridade para reforçar, ainda, a ideia de que trabalha em conformidade com os teóricos da área. Essa postura reflexiva assumida em relação à articulação de sua prática com os pressupostos teóricos do ensino é recorrente entre os autores dessa instituição. Em UE-01, defende-se também essa posição como sendo papel do estagiário assumi-la, o papel de desenvolver um trabalho responsável e coerente no sentido de contribuir para o crescimento dos alunos.

Além de demonstrarem coerência em relação à articulação teoria e prática, preocupam-se especialmente em assumirem e apresentarem uma prática não ancorada somente em pressupostos teóricos da área, mas também nos documentos oficiais. Em UE-05, por exemplo, seu autor/orador faz questão de mostrar que trabalhou em conformidade com os PCNs, embora assuma que também não desprezou o plano bimestral do professor regente:

Exemplo 7:

[...] procurei trabalhar levando em consideração as propostas dos PCNs, como também o plano (sic) bimestral da professora cooperadora. (UE-05, p.10).

Essa mesma preocupação aparece em UE-03, que apresenta o *ethos* de profissional competente, coerente na articulação teoria e prática, pois atua em consonância com as orientações vigentes nos documentos oficiais. Tanto que justifica o trabalho com os gêneros e tipologias textuais, considerando seus aspectos linguísticos, além de desenvolver trabalhos voltados para a leitura, a produção textual e os estudos literários fundamentado nos PCN. Além dos documentos oficiais, o autor/orador ancora-se em autores da área dos gêneros, recorrendo ao argumento de autoridade. Vejamos como se dá essa justificativa:

Exemplo 8:

Decidimos trabalhar gêneros textuais porque é nos textos e por meio deles que os usuários da língua produzem, reproduzem ou desafiam práticas

sociais, mostrando aos educandos que ao ser proferido, o texto deve adequar-se a contextos comunicacionais distintos. Para isso, tomamos como base o pressuposto de que o gênero textual repercute todo o processo social incluído na comunicação social que encerra. 'Considerando-se os gêneros textuais, formas verbais orais ou escritas que resultam de enunciados produzidos em sociedade e, no âmbito do ensino e aprendizagem de português, são vias de acesso ao letramento, propõe-se que, no ensino, as atenções estejam voltadas para os textos que encontramos em nossa vida diária com padrões sócio-comunicativos e estilos concretamente realizados por forças históricas, sociais, institucionais e tecnológicas (DELL'ISOLA, 2007, p. 19)'. (UE-03, p. 12).

Ao justificar o trabalho com gêneros textuais, o autor/orador de UE-03 cria a imagem de um profissional que tem domínio da teoria que embasa sua prática, *ethos* de alguém que tem autoridade no assunto. Com isso, também se mostra autônomo, independente em relação ao professor orientador do estágio, uma vez que assume sua prática como sendo escolha sua, mediante justificativas condizentes com o que defendem autores da área, configurando-se como argumentos de autoridade, e recorre ao argumento por vínculo causal, uma vez que mostra o porquê, qual a finalidade de trabalhar com os gêneros. Neste dinâmico processo, o autor/orador recorre, outrossim, ao argumento por definição – argumento do grupo dos argumentos quase-lógicos – do que sejam os gêneros textuais com base em teóricos da área, recorrendo, assim, ao argumento de autoridade, fato que lhe confere mais credibilidade.

Dessa forma, o autor/orador de UE-03 defende sua prática de trabalho com os gêneros em torno do argumento por finalidade, pertencente ao grupo dos argumentos baseados na estrutura do real, nas ligações de sucessão. Conforme Perelman e Tyteca (2005), esse tipo de argumento consiste em apresentar o encadeamento de determinados fatos, ou dados de uma realidade, no intuito de atingir determinado fim. Segundo os autores, dentre as ligações de sucessão, o vínculo causal desempenha um papel essencial, e, dentre os diversos efeitos argumentativos deste, está o de que, sendo dado um acontecimento, tendem a evidenciar o efeito que dele deve resultar. Vemos que o autor/orador da justificativa em análise, entre outras técnicas de ancoragem, recorre a uma argumentação fundamentada nas ligações de causa e efeito (argumentos baseados na estrutura do real), especialmente por consequências, impactos, implicações, com o propósito de garantir a consistência de sua argumentação, a defesa/adesão de sua tese, e justificar a relevância do seu trabalho.

No processo argumentativo desenvolvido nos 05 (cinco) relatórios, outra imagem de si recorrentemente utilizada é a de profissional competente, inovador, capaz de modificar a prática observada. Para tanto, recorrem ao argumento baseado na estrutura do real nas

ligações de sucessão meio/fim, utilizando-se também do argumento ato pessoa, que justifica o lugar da pessoa, apresentam coerência entre teoria e prática e entre o que defendem e o que praticam.

Exemplo 9:

Para tanto, conciliamos teorias relacionadas ao ensino de língua com a prática de sala de aula a qual vivenciamos, na tentativa de desenvolver um trabalho consistente e reflexivo que por ventura possa modificar, ou ao menos interferir, na realidade das aulas de língua portuguesa diante do contexto escolar observado. (UE-02, p. 05).

Portanto, na certeza que fizemos a diferença enquanto estagiários, estou realizado e feliz mediante a profissão que pretendo exercer. (UE-05, p.15).

Essa pretensão de fazer diferente, de levar o novo para a sala de aula enquanto estagiário é recorrente também nos discursos aqui analisados. Como podemos perceber em UE-05, seu autor/orador, conclui o relatório reafirmando o *ethos* de estagiário inovador que promoveu a mudança, que fez diferente, apresentando-se como futuro profissional da área realizado e feliz com a profissão que pretende exercer. Em outros casos, além de assumirem-se enquanto inovadores, os autores/oradores, atribuem ainda outros valores a sua prática:

Exemplo 10:

[...] acreditamos ter contribuído de forma produtiva para o melhoramento do processo ensino/aprendizagem, a partir de uma prática docente atuante e comprometida, objetivando o enriquecimento da aprendizagem de cada educando, valorizando para isso suas experiências e vivências diárias. (UE-04, p. 17).

Aqui a imagem, o *ethos* do aluno estagiário é praticamente “pintada” no quadro de seu discurso, pois além de insinuar que sua prática contribuiu para a melhoria e o enriquecimento do processo ensino/aprendizagem do aluno, colocando-a como superior, ainda adjetiva sua prática como atuante e comprometida, uma vez que parte da realidade dos alunos. Com o intuito de contribuir para sua realidade, utiliza-se do argumento pragmático que permite apreciar um ato ou acontecimento, mediante suas consequências boas ou ruins, consistindo, outrossim, em propor o sucesso como critério de objetividade, mas recorre também ao ato/pessoa, uma vez que atribui valores aos atos de sua pessoa – atuante e comprometido.

Exemplo 11:

Sendo assim, acreditamos ter contribuído de forma produtiva para o melhoramento do processo ensino/aprendizagem, a partir de uma prática docente atuante e comprometida, objetivando o enriquecimento da aprendizagem de cada educando, valorizando para isso suas experiências e vivências diárias. (UE-04, p. 17).

Nesse complexo e multifacetado processo de constituição do *ethos* em que diversos valores atribuídos a seus atos são mobilizados, encontramos, ainda, o *ethos* de profissional esforçado, preocupado, interessado em despertar o interesse dos alunos.

Exemplo 12:

Como *resultado desses esforços*, foi possível observar que as turmas foram participativas, apesar de alguns alunos apresentarem certa dificuldade em relação à prática de leitura e escrita. Diante dessa situação, procuramos diversificar nossas aulas para atrair a atenção dos alunos, despertando nos mesmos, o gosto pela leitura e escrita, sempre com o desejo de torná-los alunos/sujeitos capazes de aplicar os conhecimentos adquiridos no contexto social em que estão inseridos. (UE-04, p. 17. Grifo nosso).

Neste exemplo, destacamos a argumentação fundamentada no lugar da pessoa, que confere valor ao que é feito com esforço, que requer cuidado. Com isso, o autor/orador se apresenta como esforçado, conferindo maior valor a sua prática, uma vez que esta exigiu esforços, reforçando ainda mais sua argumentação, ao mostrar também os resultados de seu trabalho. Esse efeito é realizado por meio das relações de vínculo causal, fato – os esforços desempenhados; consequência – os resultados positivos. O autor/orador recorre, ainda, ao argumento baseado na ligação ato/pessoa, destacando o que realizou em sua prática, sua dinamicidade e preocupação com a aprendizagem dos alunos e, em contrapartida, a aceitação por parte deles.

Como já assinalamos anteriormente, o processo de constituição do *ethos* é complexo e não se esgota aqui nesta análise, uma vez que ele perpassa aspectos diversos, alguns dos quais foram contemplados por nós no trabalho de conclusão do mestrado (ALVES, 2011). Neste ponto, destacamos o diálogo estabelecido por esses autores/oradores em seus discursos, uma vez que ganhar a adesão deste é condição essencial da argumentação. Dessa maneira, o diálogo estabelecido com os documentos oficiais (como, por exemplo, os PCNs), visto especialmente nos relatórios da UERN, configura-se em resposta, diálogo maior com a instituição de ensino e mais imediatamente o como o professor da disciplina.

O diálogo estabelecido com os alunos e com o professor colaborador do estágio é constitutivo de todos os relatórios, uma vez que esses autores/oradores pensam sua prática em função do aluno e dialogam com o professor colaborador, na medida em que refletem sobre sua prática ou quando colocam a sua como sendo superior, modelo a ser seguido pelo professor colaborador. Isto porque, conforme Perelman e Tyteca (2005), o argumento pelo modelo incentiva a imitação ou a recusa, pois o que pode ser dito do modelo pode ser aplicado ao antimodelo. Desta feita, se o orador tem prestígio, pode servir de modelo

incentivando ao outro que se comporte como ele; e se, de modo inverso, é o antimodelo, que se afaste dele.

O diálogo também se estende para os teóricos da área, a quem todos os autores/oradores recorrem como argumento de autoridade para justificar sua prática assumida. Nestes discursos está pressuposto ainda um auditório mais geral, universal, representado pela sociedade. Esse resultado nos remete ao dialogismo constitutivo da linguagem (BAKHTIN, 2003, 2009) bem como ao caráter argumentativo do discurso acadêmico.

Refletidas nas vozes, algumas imagens

Nos cinco relatórios da UERN, considerando os tipos de argumentos utilizados pelos autores/oradores, percebemos que estes apresentam a construção de um processo argumentativo do qual emergem diversos tipos de argumentos, para os quais foram mobilizados valores e diferentes lugares da argumentação. No processo de constituição da imagem desses autores/oradores, observamos a recorrência do uso de alguns argumentos: o argumento pragmático, o vínculo causal, a superação, a autoridade, o modelo e o antimodelo e a definição, os quais estão voltados para a pessoa do orador, para seus atos, de formas diversas no relatório, a saber: (i) seja quando da utilização do argumento pragmático para justificar seus posicionamentos, por meio das relações de causa e efeito; (ii) seja quando da utilização do argumento de autoridade, recorrendo aos teóricos da área ou aos documentos oficiais para, através de exemplos e comparações entre as práticas observadas e a realizada, mostrar-se como superior, como um modelo a ser seguido, o que, em alguns casos, figura a dissociação de noções entre teoria/prática, tradicional/moderna e, em contrapartida implica criar a imagem do professor colaborador como sendo um antimodelo.

Neste processo, os lugares da argumentação desempenham papel fundamental, de modo que os vários argumentos utilizados pelos autores/oradores nos relatórios partem, essencialmente, de três lugares da argumentação, tais como: (i) o lugar da pessoa, mais recorrente; (ii) o lugar da qualidade; e (iii) o lugar da quantidade. Partindo desses lugares, os autores/oradores apresentam valores ligados a sua pessoa, a seus atos e dirigem-se ao auditório pressuposto para motivá-lo a fazer determinadas escolhas, ou dito de outro modo, para reforçar a adesão às teses defendidas.

Quanto ao auditório dos autores/oradores dos relatórios da UERN, pode ser definido como heterogêneo, amplo, de modo que não se restringe a um auditório particular, como por

exemplo, o professor da disciplina, mas abarca vários interlocutores, sobre os quais o autor/orador não tem controle, portanto, o auditório universal. O diálogo com tais interlocutores parte de diversas ordens: (i) com os documentos oficiais como uma resposta à instituição de ensino e ao professor da disciplina Orientação de Estágio Supervisionado II; (ii) com os alunos e professor-colaborador do estágio, na medida em que planejam sua prática em função da realidade do aluno da escola, campo de estágio; (iii) com os teóricos da área, a quem todos os autores/oradores recorrem como argumento de autoridade para justificar a prática assumida. Esse diálogo pressupõe ainda um auditório mais geral, universal, representado pela sociedade. Portanto, nesse processo dialógico, os autores/oradores constroem a imagem de si, como profissionais competentes, superiores/inovadores e atualizados em relação aos novos pressupostos do ensino de língua materna.

Destacamos que, além de colocar em foco a necessidade de estudos sobre o papel da argumentação no processo de construção de sentidos de textos acadêmicos, esses resultados nos levam também a refletir sobre o papel do estágio na formação do profissional de letras. O estudo das imagens, do *ethos* dos estudantes de Letras, nos possibilita ainda refletir sobre como o estudante de Letras concebe o estágio, seu próprio curso de formação e como se vê enquanto futuro profissional da área.

Referências

ALVES, M. L. **O *ethos* de estudantes de Letras em relatórios de estágio de diferentes IES brasileiras**. Pau dos Ferros, 2011, 191p. Dissertação (Curso de Mestrado Acadêmico em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, *Campus Avançado* “Profa. Maria Eliza de Albuquerque Maia”, Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Pau dos Ferros, 2011.

BAKHTIN, M. (VOLOCHINOV, V.). **Estética da criação verbal**. Tradução de Maria Ermantina Galvão. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 13. ed. São Paulo: Hucitec, 2009.

MEYER, M. **A unidade da retórica e seus componentes: *éthos*, *páthos*, *logos***. In: **A retórica**. São Paulo: Ática, 2007. p. 34-49.

PEREIRA, C. C.; ALVES, M. L. A contribuição do estágio supervisionado para a formação do aluno do curso de letras/CAMEAM/UERN. In: COLÓQUIO NACIONAL DE PROFESSORES DE METODOLOGIA DE ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA E DE LITERATURA, 7, 2010, Pau dos Ferros. **Anais do VII CMELP**. Pau dos Ferros: Edições Queima-Bucha, 2010.

PERELMAN, C.; OLBREHTS–TYTECA. L. **Tratado de argumentação**: a nova retórica. Tradução de Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

REBOUL, O. **Introdução à retórica**. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

SOUZA, G. S. **O Nordeste na mídia**: um (des) encontro de sentidos. Araraquara, 2003, 398p. Tese (Doutorado em Lingüística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, *Campus* de Araraquara, Universidade Estadual Paulista “Júlio Mesquita Filho”.

SOUZA, Gilton Sampaio de. Argumentação no discurso: questões conceituais. In: FREITAS, Alessandra Cardozo de; RODRIGUES, Lílian de Oliveira; SAMPAIO, Maria Lúcia Pessoa (Orgs.). **Linguagem, discurso e cultura**: múltiplos objetos e abordagens. Mossoró: Queima Bucha, 2008.

SOUZA, G. S.; COSTA, R. L. Ciência e argumentação na elaboração de justificativas de monografia de graduação. In: **I COLÓQUIO NACIONAL DE LINGUAGEM E DISCURSO – I CONLID**, 1., Mossoró: UERN, 2008.

SOUZA, G. S. ; PEREIRA, C. C. ; ALVES, M. L. . Argumentação e dialogismo no texto acadêmico: os interlocutores em justificativas de monografia de graduação. In: **VI Congresso Internacional da ABRALIN**, João Pessoa: Idéia, 2009. v. Único. p. 1642-1647.

Data de recebimento: 30 de abril de 2013.

Data de aceite: 12 de julho de 2013.